



JARDINS DE ÉDEN E O NOVO CÉU E NOVA TERRA

Ivo Poletto¹

1. INSPIRAÇÃO

Seria falta de atenção às mensagens espirituais proféticas se eu não abrisse essa reflexão sobre o que é denominado meio ambiente sem acolher a inspiração presente na vida e na morte de dois irmãos de caminhada, **Bruno Pereira e Dominic Phillips**. Eles foram sacrificados por pessoas, empresas e governos que de uma forma ou outra preferem adorar a riqueza e o poder presentes no ídolo dinheiro através da pesca e do garimpo ilegal, da relação promíscua com o tráfico de drogas e com grupos de extermínio. Para esses,

a morte de Dom e Bruno é mais um passo no esforço de **silenciar o grito dos espíritos** que animam

a esplendorosa diversidade de seres vivos constitutivos do **berço vivo** e fonte de vida chamado Amazônia, de modo especial os seus povos indígenas originários.

Negar a existência e calar os espíritos são arte e ação violenta que deu origem e mantém em expansão o sistema capitalista, pois seu fundamento está na redução de tudo que existe a



Foto divulgação. Indígena segurando imagem de Dom e Bruno.
De: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-61865523>

¹ - Filósofo e cientista social, educador popular, assessor e membro do Grupo Executivo do Fórum Mudanças Climáticas e Justiça Socioambiental - FMCJS

* - Diagramação e destaques = OLMA.



meros recursos materiais, transformados em mercadorias por meio da redução também da força, inteligência e criatividade humana em instrumentos usados para gerar mais e mais lucros, mais e mais dinheiro, mais e mais poder destrutivo, mais e mais morte. A história demonstra que **esse sistema idolátrico só se alimenta e aplaca com o sacrifício da vida da Mãe Terra e seus filhos e filhas.**²



Chico Mendes, Dorothy Stang, Bruno Pereira e Dom Phillips em ilustração de Carlos Latuff para o site Brasil 247.

São mortes, por isso, que anunciam e geram vida. Como lembraram as lideranças da UNIVAJA – União dos Povos Indígenas do Vale do Javari –, estas pessoas foram sacrificadas por serem amigas e defenderem o seu território e o seu modo de vida, o Bem Viver.

Mas seria desatenção concluir que só existe esse anúncio necrófilo. A morte de Bruno e Dom é anúncio de que existem e precisam ser reconhecidos e valorizados outros modos de relação com a diversidade da vida da Mãe Terra e seus filhos e filhas. **A recordação de que muitas outras pessoas foram sacrificadas por defenderem** formas de vida baseadas na convivência com cada bioma e na cooperação entre as pessoas reforça o anúncio de que a humanidade precisa mudar de rumo se deseja viver mais tempo neste planeta.

2. BERÇOS VIVOS E FONTES DE VIDA

Que imenso equívoco o de pensar que os seres humanos são centro do universo e que tudo deve ser decidido a partir deles e para eles!

Pode não haver culpa nisso, por ser fruto de uma (des)educação repassada a gerações nos últimos séculos, e que explicitaremos a seguir ao falarmos do capitaloceno, mas não há mais dúvidas de que isso produziu uma adesão suficiente às ilusões ideológicas desse sistema para levar a humanidade a viver a ameaça de uma hecatombe ecológica.

Não, não somos tão importantes nem podemos ser donos e exploradores do que encontramos ao iniciar nossa passagem por este planeta. Deveríamos ser bem mais humildes e agradecidos, porque nossos antepassados só nasceram quando a Mãe Terra, movida pelo Espírito divino, já havia gerado maravilhosos berços vivos e fontes de vida, que denominamos biomas.³

² - Sugiro a leitura do livro de Jean Ziegler, *Destruição em massa – geopolítica da fome*, Cortez Editora, São Paulo, 2013.

³ - Sugiro a leitura do livro *Biomassas do Brasil – da exploração à convivência*, de Ivo Poletto, só disponível em versão virtual, no link http://fmclimaticas.org.br/wp-content/uploads/2017/03/livro_BIOMAS_DO_BRASIL_2017_final.pdf



Imagens da capa do livro *Biomias do Brasil – da exploração à convivência*, de Ivo Poletto

E para isso, ela viveu e enfrentou evoluções e mais evoluções durante bilhões de anos, e ela e o Espírito tiveram paciência para que o processo abrisse possibilidades de existência para muitos e diversificados seres vivos.

E como tudo é diversificado - desde a diferente incidência dos raios solares sobre as águas e continentes, a duração dos dias e das noites, o calor e o frio, a presença ou ausência de geleiras – também os quase inumeráveis fatores que constituem os biomas se expressam interrelacionados em diferentes espaços vivos e fontes de vida. Nos limites geográficos em que foi constituído o Brasil desde a ocupação colonial, por exemplo, **existem sete biomas**: a Zona Costeira, a Mata Atlântica, a Caa-tinga, o Pampa, o Cerrado, o Pantanal e a Amazônia. Cada um deles é constituído por diferentes ecossistemas, como é o caso do Vale do Javari, nossa inspiração atual, ou a Bacia do Tapajós, ambos constitutivos da Amazônia.⁴

Como continuamos sem ter certezas em relação ao local e data em que nossos antepassados originários começaram a viver, creio ser positivo pensarmos que provavelmente esse tipo de ser capaz de ter consciência de si mesmo e do seu entorno surgiu em diferentes jardins de Éden, presentes e celebrados, de forma precária, mas inspiradora, nos mitos de origem de diferentes povos. O importante é dar-se conta de que esse novo ser, que num processo lento vai amadurecendo sua capacida-

de de autoconsciência, não criou o ambiente que tornou possível a sua existência e reprodução.

Ele o recebeu de presente, não pronto e acabado, e sim vivo e gerador de biodiversidade, e que, por isso, viveria a responsabilidade de escolher que tipo de relação estabeleceria com o presente recebido.

Captando o essencial dessa história, cada ser humano e cada comunidade e sociedade podem construir relações a partir da decisão de considerar o ecossistema do bioma em que estão ou como um dom gratuito dado a todos os seres vivos, ou como o meu ou o nosso espaço, em que, individualmente ou em associação empresarial, há uma apropriação e, por isso, uma separação dos demais seres humanos e outros seres vivos – dando início a diferentes processos de dominação que, atualmente, se expressam na propriedade capitalista.



Imagem Divulgação. Do site: <https://mst.org.br/2017/04/11/o-uso-de-agrotoxicos-na-producao-de-alimentos-e-a-expressao-do-avanco-do-modelo-capitalista-no-campo/>

⁴ - Sugiro a leitura do livro *Biomias do Brasil – da exploração à convivência*, de Ivo Poletto, só disponível em versão virtual, no link http://fmclimaticas.org.br/wp-content/uploads/2017/03/livro_BIOMAS_DO_BRASIL_2017_final.pdf



3. CORRENTÕES E BOIADAS

Estudos da PUC de Goiás revelaram que a presença humana do *homo sapiens* no **bioma Cerrado** teve início seguro há doze mil anos, mas pode ser mais, como sinalizam as pesquisas no Piauí, na Serra da Capivara, em se calcula que os primeiros habitantes teriam chegado há mais de 40 mil anos. Pois bem, essa presença milenar e numerosa de povos indígenas, mesmo quando somada à de colonizadores sedentos de escravos, de terras griladas e de bois e minérios - mercadorias dos últimos séculos, só havia interferido, até os anos 70 do século passado, em 12% da vegetação nativa deste bioma, e por isso, das nascentes, córregos, rios. Como atualmente os dados oficiais indicam que mais de 60% de tudo isso foi destruído, e os dados da PUC indicam que sobraria menos de 20% da cobertura vegetal realmente original, devemos concluir que **em 40 anos os correntões puxados por tratores derrubaram algo entre 50 a 70% da cobertura vegetal do Cerrado**. Tudo isso consolidando grandes unidades de monoculturas de gado e grãos, especialmente soja, destinados à exportação, promovidas como um pretenso processo de modernização com recursos públicos em favor de uma série de Programas de Desenvolvimento do Cerrado - PRODECER.⁵

Sou testemunha desse processo de devastação, a começar pela tradução e divulgação do projeto original dos PRODECER, elaborado pelo JICA, or-

ganismo público-privado de promoção da produção e comercialização de grãos no mundo, visando a entrada do Japão no então nascente controle mundial de grãos por poucas e poderosas corpo-

rações multinacionais. **Vi com meus olhos a mudança das paisagens, e senti em meu corpo o aumento da temperatura, a diminuição dos meses de chuva e a queda da umidade do ar.** Nascentes – quase incontáveis – morreram, córregos secaram, rios ficaram com pouca ou quase nada de água. Pesquisadores advertiram: **o Cerrado já não consegue ser a caixa de água do país**, não dá mais conta de manter cheios os aquíferos que dependem dele. E a pergunta mais angustiante é essa: *quantas*

áreas já estão desertificadas, e quanto tempo nos separa da transformação do Cerrado em terra desertificada, deixando de ser o bioma criado pela Mãe Terra?

O mais trágico é que, mesmo com os avisos da ciência e as pressões populares, muitos dos empresários que estão repetindo esse caminho de destruição no *matopiba* – a parte norte e noroeste do Cerrado localizada nos estados do Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia – abandonaram áreas superexploradas por eles no mesmo bioma para abrir novos e mais lucrativos negócios – como meus ouvidos atestaram em região do

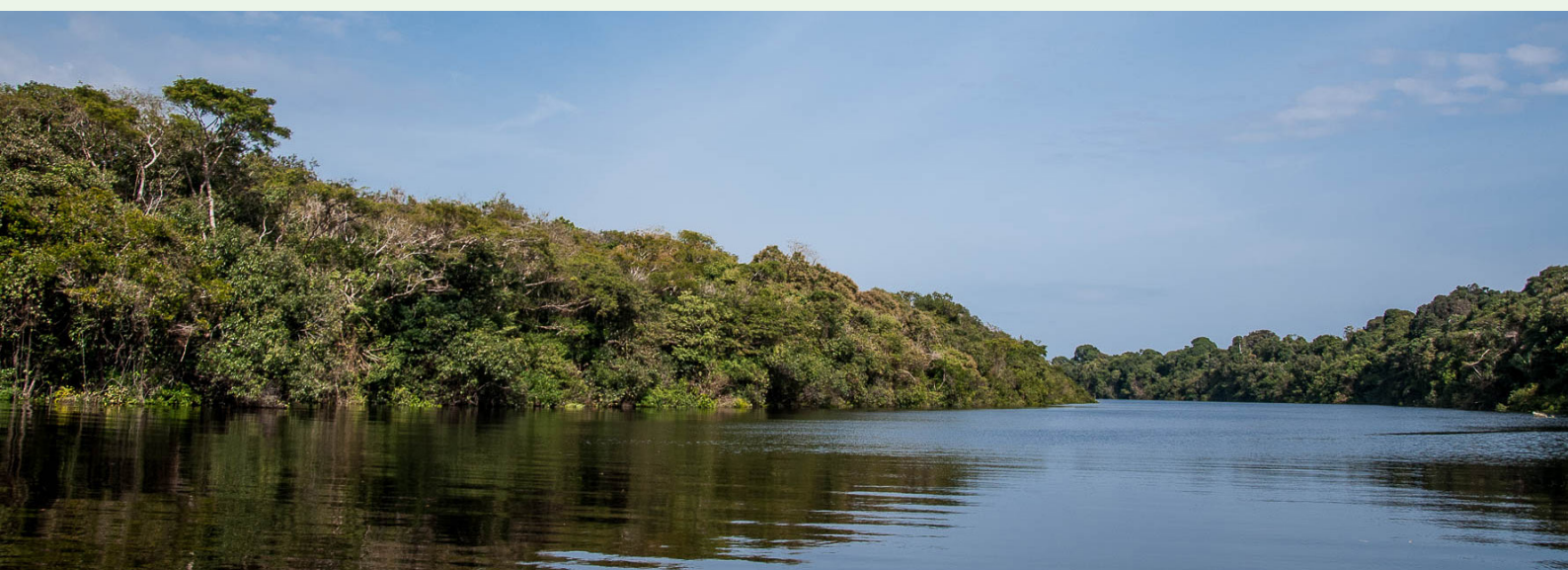


Imagem de Rosario Xavier por Pixabay. De: <https://pixabay.com/pt/photos/cerrado-desmatamento-goias-goiania-777762/>

⁵ - Ver livro de Altair Sales, *Andarilhos Da Claridade - Primeiros Habitantes do Cerrado*. Ed. PUC/Goiás, 2002. Pode ser encontrado no Instituto Altair Sales.



Mato Grosso do Sul. É falsa a ideia de que eles não sabem. Não há inocências. O que há é a sua decisão de continuar prestando adoração ao ídolo propriedade/riqueza/dinheiro/poder.



Parque Nacional de Anavilhanas nos municípios de Novo Airão e Manaus (AM) Por: Ericatarina.

Em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Chegando_em_Anavilhanas.jpg#/media/File:Chegando_em_Anavilhanas.jpg

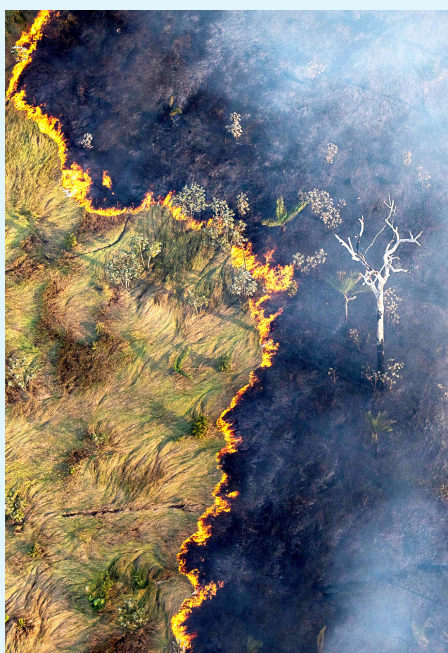
Pois bem, o que está acontecendo na **Amazônia** teve início nos mesmos anos da ditadura que dominou o Brasil de 1964 a 1984, e as propostas institucionais atuais de aproveitar que a imprensa está ocupada com a Covid para passar a boiada de mudanças no regramento ambiental são ape-

nas a retomada das práticas ditatoriais, aliás inspiradas nas opções estratégicas de militares de então que se instalaram “democraticamente” no atual governo de plantão. Para eles, a integração da Amazônia ao desenvolvimento nacional, evitando sua “internacionalização”, foi, é e será a entrega das terras todas da Amazônia às grandes empresas nacionais e/ou multinacionais, pois elas saberiam, ao contrário dos povos indígenas e comunidades tradicionais, como explorar bem as riquezas da região, desde a madeira, as águas e os

solos, extraindo minérios, petróleo e gás, criando bois, produzindo grãos. Não há ciência que os faça retroceder um palmo nessa decisão fundada na visão de crescimento sem fim capitalista, por mais que a repetição do que os capitalistas já fizeram em outras regiões “desenvolvidas” acabe com o

pouco que resta para reequilibrar a capacidade da Terra de reciclar os gases de efeito estufa, e pior, aumente a sua emissão.

Por isso, se não forem impedidos através de um movimento político que apoie um governo eleito com a decisão de forçar uma mudança de rumo, os novos processos de derrubada, secagem e queima da floresta avançarão com velocidade crescente, confirmando o que as pesquisas com dados de satélite estão denunciando.



Queimada e vista em meio a área de floresta próxima a capital Porto Velho (Foto: Bruno Kelly/Amazônia Real./12/08/2020). De: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Desmatamento_e_Queimadas_2020_%2850223682758%29.jpg



4. AVANÇANDO NA CONVIVÊNCIA COM OS BIOMAS

O destaque em relação ao **Cerrado** e à **Amazônia** indica o que tem ocorrido também nos demais biomas. Trata-se de um processo implantado desde o início da colonização, mas intensificado a partir das influências da revolução industrial num país que sempre foi hegemônico pelos senhores de terras e de escravos. E um processo agravado nos últimos anos com a eleição de um governo cujo presidente declarou, antes de ser eleito, que seu propósito era o de destruir e não de construir, particularmente destruir o que havia avançado em relação aos direitos dos povos indígenas aos seus territórios e à sua vida. E, na verdade, em relação a tudo que tem a ver com a vida, em todos os biomas.

Para nossa sorte e para consolo da Mãe Terra, não é verdade que todas as pessoas estão envolvidas em práticas de destruição. Pelo contrário, podemos ter presente pesquisas de opinião que revelam que *a maioria da população não concorda com o que está acontecendo com a floresta e com os povos originários*. Confirmando essa informação, sou testemunho de que cresce o número de pessoas, comunidades e organizações

sociais que constroem, com esforço e criatividade, iniciativas de cuidado e de convivência com os biomas em que vivem.

Creio que vale dar prioridade aos povos e comunidades do bioma **Caatinga**, mais conhecido como Semiárido brasileiro. Não é correto dizer que todo o Nordeste seria semiárido, como não é correto dizer que este bioma está localizado só



CAATINGA_bioma_brasileiro.jpg (Foto: Arturalvees). De: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:CAATINGA_bioma_brasileiro.jpg

nos sertões dos estados nordestinos. O correto é afirmar que uma parte da Caatinga está nos estados de Minas Gerais e Espírito Santo, e tende a avançar sobre novas áreas superexploradas. Aliás, um dos cuidados que

cresce em todo o país, e não apenas no Semiárido, é cuidar dos solos para evitar o avanço e agravamento da desertificação.⁶

É de longa data que existem iniciativas populares de cuidado no e com o território do bioma Caatinga. Como em todas as demais, esta região também foi território de povos indígenas, e hoje só contamos com povos remanescentes, e a maioria deles sem territórios reconhecidos. A dizimação destes povos pelo avanço do país criado pelos colonizadores sobre seus territórios e seu direito de



Imagem - Divulgação. Da matéria "Povos e Comunidades Tradicionais da Caatinga". De: <https://ispn.org.br/biomas/caatinga/povos-e-comunidades-tradicionais-da-caatinga/>

⁶ - Visitem o site do Fórum Mudanças Climáticas e Justiça Socioambiental – FMCJS, e acessem a Cartilha Convivendo na Casa Comum – Discutindo sobre o combate à desertificação, elaborada pela Articulação de combate aos processos de desertificação nos biomas do Brasil.



existir como povos - um processo de genocídio e etnocídio - fez com que contemos com frágil memória da sua longa história de convivência com este bioma. **Assim mesmo, são luz e fonte de estímulo para as pessoas e organizações que estão recriando a Caatinga como espaço de vida.**

Até a década de 1990, mesmo contando com muitas tentativas populares, a visão dominante era de que se tratava de uma região marcada pela seca, nada apta para se viver nela. E de fato, quando afetada por longos tempos de estiagem, ou a população era socorrida com ações de solidariedade e com precários serviços de distribuição de água, ou era forçada a migrar para outras terras em busca de sobrevivência. Mas é fruto de uma dessas longas estiagens na segunda metade da década de 1990 a decisão de algumas entidades de buscarem conhecer melhor o Semiárido para descobrir o que fazer de forma permanente para melhorar as condições de vida nele, e para evitar a repetição das mobilizações com o objetivo limitado a mais um socorro solidário. Prestando atenção ao que estava sendo feito por organizações sociais e colhendo sugestões populares, elas chegaram à definição conjunta de que *o segredo da convivência com o Semiárido brasileiro estava na água das chuvas*.⁷ Por mais estranho que pareça, por ser uma região com poucas chuvas, foi o conhecimento de alguns elementos que constituem este bioma que levou a valorizá-las como segredo, como ponto de partida de outras práticas que levariam à convivência com um bioma que conta com solos pouco profundos, com subsolo rochoso, com pouca água em lençóis e aquíferos, com alta taxa de evaporação de águas guardadas em represas, com avanço do desmatamento da vegetação da Caatinga...



Imagem - Divulgação. Da matéria "Campanha da ASA busca doações para construir 1 milhão de cisternas no Semiárido brasileiro". De: <https://www.brasildefato.com.br/2021/10/01/campanha-da-asa-busca-doacoes-para-construir-1-milhao-de-cisternas-no-semiarido-brasileiro>

Foi desse processo que nasceu o **Projeto 1 Milhão de Cisternas e a Articulação do Semiárido - ASA**, visando o objetivo de que cada casa contasse com uma cisterna de cimento e ferro para colher e guardar a água das chuvas, para ter água quando a chuva tardasse a voltar, algo típico de todas as regiões semiáridas. Na verdade, mais uma vez o conhecimento levou à consciência de este Semiárido era um dos que contava com taxa média mais alta de chuvas, e por isso o guardar água para ter até a próxima chuva se tornou o objetivo central das pessoas e organizações que decidiram apostar na vida da e na Caatinga.

A constatação de que no último período de estiagem, com duração média de sete anos, não provocou a retomada daquelas cenas antes características da região: os saques de supermercados e as filas de maltrapilhos migrando, fugindo da seca, pintadas até por Portinari, é a prova de que **os povos do Semiárido brasileiro deram passos no sentido da criação de condições razoáveis de vida em seu bioma**. Não se combate a seca, como insistiam errônea e ideologicamente as políticas oficiais, que na verdade eram definidas pelos coronéis senhores de terra e executadas em seu favor, e por isso o abandono, a superexploração e a miséria serviam para consolidar e aumentar suas grandes propriedades, mas se convive com as estiagens, usando a inteligência para isso.

⁷ - Ver Água de Chuva – O segredo da convivência com o Semiárido Brasileiro. Publicação de Cáritas Brasileira, CPT e FIAN/Brasil. Ed. Paulinas, SP, 2ª ed., 2002.



Vale, por isso, celebrar **a transformação que vivem os sertanejos do bioma Caatinga, que não se tornou uma revolução geral por dois motivos centrais:**

- a insensibilidade de governantes, que não reconheceram esta estratégia e não a tornaram efetiva política pública, e
- a continuidade das políticas equivocadas de apoio a iniciativas econômicas destrutivas da Caatinga.

Essa transformação se tornou mais significativa por ter incorporado um conjunto de práticas geradoras de consciência favorável à convivência com o bioma.

Algumas viabilizadas pela cisterna caseira para água de beber e cozinhar, e pela segunda, maior, para guardar água destinada à produção de alimentos básicos para a família e para as feiras. Exemplo disso é a multiplicação de cooperativas e redes de economia solidária, de produção agroecológica e agroflorestal. E outras, como a Educação Contextualizada e todos os processos de formação vinculados a todas as iniciativas, bem como a promoção de celebrações ligadas aos bancos de sementes e de festas populares e romarias religiosas, ampliam a consciência e despertam as pessoas e famílias a terem vontade de entrar nessas mudanças.⁸

Mais recentemente, a relação com o Sol vai reforçando esse processo de transformação. Antes visto como inimigo, causador da seca, o sol é redescoberto como energia essencial para a vida e como fonte gratuita de energia elétrica. A partir da Paraíba, onde se avançou com iniciativas em comunidades populares com apoio mediado pela Misereor, a promoção da Transição Energética Popular, descentralizada, nas casas e/ou comunidades, caminhando para cooperativas, esse reforço à estratégia de convivência com o Semiárido vai se expandindo. Ele reforça iniciativas econômicas, libera renda pela diminuição da taxa de energia, reeduca em favor da eficiência energética, e aprofunda a consciência de que a conquista de política pública favorável a esse caminho participativo de transição tem tudo a ver com o enfrentamento do que causa aquecimento global e mudanças climáticas: a diminuição e/ou a substituição das fontes fósseis e nucleares de energia, bem como o fim dos desastres socioambientais da implantação de pequenas, médias e grandes hidrelétricas.⁹

Imagem - Divulgação. De: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Resistência_no_meio_da_seca_do_semiárido.jpg



⁸ - Visitem o site da ASA: <https://www.asabrasil.org.br/>

⁹ - Visitem o site do CERSA – Comitê de Energia Renovável do Semiárido: <http://cersa.org.br>



5. SENTIMENTO DE PERTENÇA

Com diferentes estratégias e iniciativas concretas, o caminho consolidado no bioma Caatinga vai estimulando a busca da convivência com os demais biomas. No **Pantanal**, por exemplo, já se avança na luta pelo reconhecimento dos direitos do Rio Paraguai e seus povos, localizados no Brasil, Bolívia, Paraguai e Argentina.

O reconhecimento dos direitos da Natureza, a Mãe Terra, bem como dos seus rios, lagos, mares, florestas, é um processo cultural, político e judicial que contribui significativamente com o necessário processo de superação do antropocentrismo, e se torna base da crítica mais radical ao antropoceno, já redefinido por muitos como capitaloceno.

Trata-se da tomada de consciência de algo aparentemente óbvio, mas distante da consciência pela (des)educação operada nas sociedades hegemônicas pelo sistema capitalista: **a Terra não precisa de nós para existir, mas, sem as energias da Terra, nós não podemos existir.** Melhor ainda: sem que a Terra tivesse criado as condições favoráveis, nós não poderíamos existir.

Reconhecer os direitos da Terra significa afirmar que nós só podemos ter direitos se ela se mantiver viva e em condições de manter vivos os ambientes em que se tornou possível nossa existência. Estamos nas mãos da Terra! Nossa autonomia é limitada por ela. *Esse reconhecimento deveria levar-nos a cuidar da Terra como um todo, e de cuidar, em especial, do bioma em que estamos.* Deveria levar-nos ao reconhecimento de que somos parte deste organismo vivo maior, e que, por isso, tudo que fazemos à Terra nos afeta, para o bem ou para o mal.¹⁰

Nessa perspectiva, o caminho para a conversão ecológica, que pode incluir-nos na ecologia integral, passa pela conquista do sentimento de pertença, expressão apresentada por uma mulher indígena numa roda de diálogo virtual. **Não basta a consciência de que somos parte. É preciso que isso se torne experiência, vivência profunda de comunhão e de partilha de vida. Pertencer significa sentir-se rio, árvore, atmosfera e todos os demais seres.** São nossos irmãos e irmãs, lembra São Francisco de Assis, inspirador da Laudato Sí, carta do Papa Francisco à humanidade. Pertencemos à grande comunidade de vida da Mãe Terra.

Com este sentimento de pertença, sentimos em nós mesmos as mudanças provocadas pelo produtivismo sem limite promovido pelo sistema capitalista para manter o crescimento sem fim de geração de riqueza concentrada nas poucas mãos que detém o capital. Vivemos, sofremos e gritamos como que em dores de parto – nos revela São Paulo na Carta aos Romanos, 8 – ansiando por libertação dessas práticas de dominação que provocam os desequilíbrios que se expressam nos eventos climáticos extremos. É um grito da Terra e dos pobres, que, como ela, são impedidos de ter condições de viver e veem aumentar seus sofrimentos com os eventos extremos. **A chance de enfrentar e superar a crise atual, que é socioambiental, só existe nessa unidade de ação dos filhos e filhas em comunhão com a Mãe Terra.** Sem isso, é provável que o capitaloceno, isto é, a mudança de época geológica da Terra provocada pelo capitalismo, leve consigo o fim do sonho da Terra de ter autoconsciência, concretizado no ser humano sapiens, que se tornou um pesadelo por sua opção de ser demens.

¹⁰ - Ver a Cartilha Vida em Harmonia – uma publicação da Articulação Nacional pelos Direitos da Natureza – a Mãe Terra. Pode ser acessada no site do FMCSJ: <http://fmclimaticas.org.br>



Série

Lendo e Refletindo



OLMA

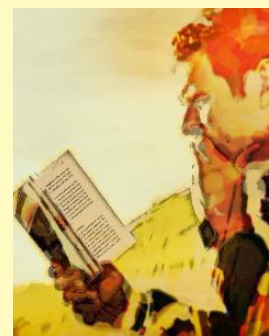


A série Lendo e Refletindo é uma iniciativa do Observatório Nacional de Justiça Socioambiental Luciano Mendes de Almeida (OLMA), que busca socializar, através de sucintos textos, reflexões pertinentes às diferentes práticas e/ ou pensamentos ligados ao conceito de justiça socioambiental, economia solidária, educação popular, diálogo Inter religioso, educação para as relações étnico raciais, povos tradicionais, trabalho em rede, cenários políticos e administrativos nacionais, entre outros. A submissão de textos é aberta a quem interessar e não apresenta estrutura prévia obrigatória, estando ao livre estilo do autor. Se você tem interesse em enviar-nos um texto, ficaríamos muito agradecidos: olmacomunica@jesuitasbrasil.org.br

Para ler os textos já enviados acesse: <http://olma.org.br/serie-lendo-e-refletindo/>

RECEBA UM LIVRO EM CASA!

Com o objetivo de incentivar a leitura e discussão dos mais variados temas de interesse comum, o OLMA oferece junto com a “Série Lendo e Refletindo” um programa onde qualquer pessoa tem a possibilidade de escolher e receber um dos livros oferecidos, via correio, em todo território nacional, sem custos. **Veja como fazer:**



- Entenda melhor o programa e preencha o formulário do link acessando o link abaixo.
- Também lá, informe seus dados e indique quais livros, entre os disponíveis, desejaria receber via correio, sem custos.

Se você for sortead@, ganha o livro disponível de sua preferência na ordem que indicar, e o recebe em casa, junto com mais alguns brindes surpresa.

A biblioteca com os livros para escolha está em continua atualização. **Acesse** <http://olma.org.br/livros-programa-de-doacao-olma/> **e saiba mais.**

Se possível opine sobre os outros temas/publicações da série e **aumente suas chances.**

Compartilhe esta idéia!